

# As representações dos cangaceiros Antônio Silvino e Lampião em versos da Literatura de Cordel

**Sabrinne Cordeiro Barbosa da Silva**

Mestranda do Programa de Pós-Graduação em História da UFRJ  
[sabrinnectx@hotmail.com](mailto:sabrinnectx@hotmail.com)

**Luciana Borges Patroclo**

Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em História da PUC-RIO  
[lupatroclo@yahoo.com.br](mailto:lupatroclo@yahoo.com.br)

**RESUMO:** Este artigo tem o objetivo de analisar as representações de Antônio Silvino e Lampião em folhetos da Literatura de Cordel. Ao longo do texto são abordadas as características e as contradições presentes nos versos que narram a atuação destes líderes do cangaço. O texto está inserido na perspectiva de que os cordéis se caracterizam como um importante objeto de análise historiográfica, pois seus exemplares se constituem em uma das principais fontes para se compreender as representações destes cangaceiros que circulavam, e ainda se mantêm, junto à sociedade.

**PALAVRAS - CHAVE:** Literatura de Cordel, Representação, Cangaço.

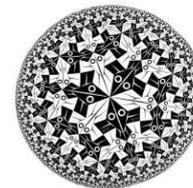
**ABSTRACT:** This article aims to analyze the representations of Antônio Silvino and Lampião through the brochures of the Cordel Literature. Throughout the text are presented the characteristics and contradictions in the verses that describe the activities of these two leaders of cangaço. The text is placed on the view that the cordel is as an important object of historiographical analysis, because their copies constitute a major source for understanding the representations of these cangaceiros who circulated, and still remains, among the society.

**KEYWORDS:** Cordel Literature, Representation, Cangaço.

## Introdução

Ao longo da História do Brasil os indivíduos que marcaram esta trajetória tiveram suas vidas e ações narradas e pesquisadas por diversos campos da historiografia. No cotidiano do Nordeste se destacaram as narrativas sobre os feitos de cangaceiros como Antônio Silvino (1875-1944) e Virgulino Ferreira da Silva (1898-1938), o Lampião. As mudanças no campo historiográfico propiciaram que os textos e biografias referentes a estas figuras passassem a não se concentrar exclusivamente nos documentos oficiais, estabelecendo-se na atualidade uma articulação com diferentes tipos de fontes literárias, por exemplo, os folhetos de cordel.

A Literatura de Cordel se firma como um importante objeto de análise histórica, pois dialoga com a visão histórica produzida por parte dos cidadãos brasileiros e que nem sempre está



presente nos relatos oficiais. “Se a historiografia se dispõe a tal empreendimento, não se pode desprezar o cotejo da versão oficial com a popular, porquanto esse confronto ajudará a reescrever a verdadeira história do povo brasileiro”<sup>1</sup>. Como salienta John Lewis Gaddis, não só de grandes momentos e revoluções se vive uma sociedade, mas também dos vestígios de seu imaginário e de suas representações, o que para muitos historiadores se constitui nos agentes principais de uma pesquisa<sup>2</sup>.

Assim, o uso dos folhetos de cordel como fonte de pesquisa tem o objetivo de compreender a forma como a imagem de Antônio Silvino e Lampião circulou no Nordeste brasileiro. Este processo de elaboração simbólica acaba por traçar fortes laços culturais que permeiam a região até os dias atuais. Os cordéis, através de abordagens diversas, mostram desarranjos e antagonismos nas representações sobre os dois cangaceiros. Segundo Sandra Pesavento, este tipo de literatura é a memória de uma realidade representada em versos que pode ser usada como fonte de pesquisa histórica. Entretanto, a ficção criada por ele – o cordel - não é um retrato fidedigno da realidade, mas uma representação do que ficou a partir desta realidade<sup>3</sup>.

Nesse contexto entende-se que a temática do cangaço é dos assuntos mais abordados nos folhetos de cordel. Os cordelistas não podiam deixar de registrar um movimento que teve influência direta na política do Nordeste e no cotidiano da população. Um aspecto a ser ressaltado é o fato deste tipo de literatura se dedicar a relatar os feitos dos principais líderes deste fenômeno como: Antônio Silvino e, principalmente, Lampião, estabelecendo-se uma relação na qual o cordelista realiza a função de biógrafo e os folhetos de cordel se constituem como um instrumento de memória. Para efeito de análise, foram selecionados cordéis de autores como Leandro Gomes de Barros e Francisco das Chagas Batista, que descreveram a trajetória de Antônio Silvino quando ele atuava no cangaço, José Pacheco e Rodolfo Cavalcanti considerados cordelistas de referência sobre o período de liderança do cangaceiro Lampião e, por fim, Gonçalo Ferreira da Silva e José Costa Leite, considerados como cordelistas contemporâneos sobre o universo do cangaço.

### **Antônio Silvino: um justiceiro ou um bandido**

<sup>1</sup> SANTOS, Olga de Jesus. O povo conta a história. FUNDAÇÃO CASA DE RUI BARBOSA. *O Cordel: Testemunha da História do Brasil*. Rio de Janeiro: Ébano Editora, 1987.p.23.

<sup>2</sup> GADDIS, John Lewis. *Paisagens da História*. Rio de Janeiro: Editora. Campus, 2003.p.26.

<sup>3</sup> PESAVENTO, Sandra Jatahy. Relação entre História e Literatura e Representação das Identidades Urbanas no Brasil (século XIX e XX). *Revista Anos 90*, Porto Alegre, n. 4, p. 115-127, dez. 1995.p.115.



Antônio Silvino é um dos principais personagens do cangaço a ter sua trajetória de vida descrita nos exemplares da Literatura de Cordel. Os primeiros folhetos, escritos por Leandro Gomes de Barros e Francisco das Chagas da Silva sobre as ações do cangaceiro tinham como característica o fato de serem narrados na primeira pessoa. O trecho do cordel *Antônio Silvino, vida, crimes, julgamento* apresenta tal característica:

“Nasci em setenta e cinco  
Num ano de inverno forte,  
No dia dois de novembro,  
Aniversário da morte;  
Por isso o cruel destino  
Deu-me bandido a sorte”<sup>4</sup>.

Como observa Rute Terra, os cordéis sobre Antônio Silvino deveriam ser lidos como uma espécie de autobiografia, na qual o próprio cangaceiro narraria seus feitos e seus medos ao leitor. Com esta estratégia, estabelece-se a perspectiva da não existência de uma representação negativa sobre este líder do cangaço<sup>5</sup>.

Nascido Manuel Batista de Moraes, Antônio Silvino teve sua iniciação no cangaço descrita a partir de duas perspectivas: a primeira de viés sobrenatural e a segunda que faz referência ao assassinato de seu pai Francisco Batista de Moraes, em 1896. O cordel *O nascimento de Antonio Silvino* narra a predestinação de Silvino para se tornar um cangaceiro e a sua convivência com a morte:

“Diz minha mãe que eu nasci  
Num dia de quarta-feira,  
Quando foram dar-me banho  
Foi visto pela parteira  
Que tinha em minha cintura  
A marca da cartucheira  
Dias depois minha mãe  
Devulgou outro signal  
Em meu lado esquerdo um rifle  
Se divulgou afinal  
Na palma da mão direita  
Visivelmente um punhal”<sup>6</sup>.

O fato de ter nascido em dois de novembro, Dia de Finados, e possuir um rifle e um punhal como marcas de nascença simbolizavam que a sua entrada para o cangaço e os crimes cometidos por ele já estavam traçados em seu destino. Embora alguns folhetos procurem

<sup>4</sup> BATISTA, Francisco das Chagas. *Antônio Silvino, vida, crimes e julgamento*. s/d.p.2.

<sup>5</sup> TERRA, Rute Brito Lemos. *Memórias de lutas: literatura de folhetos do Nordeste (1893-1930)*. São Paulo: Global, 1983.p.107.

<sup>6</sup> BARROS, Leandro Gomes de Barros. *O nascimento de Antonio Silvino*. s/d.p.2-3.



estabelecer uma perspectiva simbólica, o assassinato de seu pai é descrito como o principal acontecimento para que Silvino se tornasse um cangaceiro, além do fato de o crime não ter sido investigado pelas autoridades policiais

“No ano noventa seis  
Meu pai foi assassinado  
Pela família dos Ramos,  
Já sendo nosso intrigado,  
Um deles, o José Ramos,  
Que era subdelegado  
Para punir esse crime  
Ninguém se apresentou;  
A Justiça do lugar  
Também não se interessou;  
Aos bandidos a polícia  
Pareceu que auxiliou...”<sup>7</sup>

No mesmo cordel é abordada a perspectiva de que Antônio Silvino considerava que o único meio para se fazer justiça, no caso de seu pai, seria entrar para o cangaço e se vingar dos mandantes do assassinato:

“No ano de noventa e sete,  
Um parente e amigo,  
O velho Silvino Aires,  
Dissera-me: - Vem comigo  
Ao Teixeira, que eu preciso  
Vingar-me de um inimigo  
[...]  
Porque meu tio Silvino  
Desejava castigar  
Esse delegado afoito  
Que um dia mandou cercar  
Sua fazenda, e os móveis  
De casa mandou quebrar  
[...]  
Pouco depois desse crime,  
Meu tio chefe voltou  
Para o Pajeú de Flores,  
Onde a polícia o pegou  
Nosso grupo reuniu-se  
E seu chefe me aclamou  
Ao ver-me chefe do grupo,  
Meu próprio nome mudei;  
Então por Manoel Batista  
Nunca mais eu me assinei,  
E foi de Antonio Silvino  
O nome que eu adotei”<sup>8</sup>.

<sup>7</sup> BATISTA, Francisco das Chagas. *Antônio Silvino, vida, crimes e julgamento*. s/d.p.3.

<sup>8</sup> BATISTA, Francisco das Chagas. *Antônio Silvino, vida, crimes e julgamento*. s/d.p.5-7.



A iniciação de Antônio Silvino no universo do cangaço significou o processo de construção de uma nova identidade. Seu nome de batismo, Manoel Batista, estaria vinculado à imagem de um jovem como outro qualquer, enquanto o nome Silvino teria características necessárias de um líder. Seria uma espécie de herança recebida do tio Silvino, que fora líder de um bando de cangaceiros. O apelido Né Batista foi substituído pelos codinomes: Rifle de Ouro e Governador do Sertão. Nos versos do cordel *Antonio Silvino, o Rei dos Cangaceiros* são abordadas as características adquiridas por Silvino para ser um destemido líder do cangaço:

“Se não tiver natureza  
De comer calango cru,  
Passe um mez passando sem beber água  
Chupando mandacaru,  
Dormir em furna de pedra  
Onde só veja tatu  
Não podendo fazer isso,  
Nem pense em ser cangaceiro,  
Que é como cavallo magro  
Quando cae no atoleiro,  
Ou um boi estropiado  
  
Perseguido do vaqueiro  
De ouvir como um cachorro,  
Ter faro como veado,  
Ser mais subtil do que onça,  
Maldoso e desconfiado,  
  
Respeitar bem as famílias,  
Comer com muito cuidado  
Andar em qualquer lugar  
Como quem está no perigo,  
Se for chefe de algum grupo,  
Ninguém dormirá consigo,  
O próprio irmão que tiver,  
O tenha como inimigo  
  
O cangaceiro sagaz  
Não se confia em ninguém,  
Não diz para onde vai,  
Nem ao próprio pai se tem,  
Se exercitar bem as armas,  
Pular muito e correr bem”<sup>9</sup>.

Nos cordéis acima apresentados a representação de Antônio Silvino se insere na categoria de bandido social proposta por Eric Hobsbawm, mais especificamente na subcategoria dos vingadores. Embora suas ações se caracterizassem por assassinatos e roubos, nos folhetos de

<sup>9</sup> BARROS, Leandro Gomes de. *Antonio Silvino, o Rei dos cangaceiros*. 1910-1912. p.14.



cordel ele é identificado como um justiceiro<sup>10</sup>. A trajetória de Silvino narrada nos cordéis pode ser comparada ao ditado popular “ladrão que rouba ladrão tem cem anos de perdão”.

A perspectiva de que os cangaceiros lutavam contra as injustiças e a apatia da sociedade frente aos desmandos dos governantes foi abordada por Rui Facó no livro *Cangaceiros e Fanáticos*. De acordo com o autor, estes grupos eram formados por pobres moradores do campo que combatiam o poder dos latifundiários, como também, tinham que pegar em armas, pois as autoridades não os defendiam contra os abusos cometidos pelos poderosos<sup>11</sup>.

Mark Curran também relata a existência de um processo de glorificação das ações realizadas por Antônio Silvino. Para ele, as representações do cangaceiro estavam inseridas no contexto de que o seu primeiro crime de morte tinha o objetivo de fazer justiça e as suas atividades criminosas seguintes eram consequências das perseguições policiais. No entanto, ele ressalta a necessidade de também se considerar a representação dos como criminosos comuns.

“O cangaceiro teria traços de um Robbin Hood moderno, que às vezes rouba dos ricos (porque os pobres não têm) e dá uma parte da “safra” aos pobres – caso de Antônio Silvino no folclore paraibano. Mas a realidade geral era outra: Antônio Silvino foi preso por roubar e matar”<sup>12</sup>.

O estabelecimento da ligação entre a representação de Silvino e figura de um justiceiro estaria vinculada à perspectiva de que ele possuía uma ética própria e um código de justiça a ser seguido pelos membros do seu bando e pelas pessoas que viviam nas localidades invadidas por ele.

A perspectiva de que Antônio Silvino seria um justiceiro é rechaçada por autores como Frederico Pernambucano de Mello. Para ele, Silvino está inserido na categoria daqueles que identificam o cangaço como meio de vida, ou seja, o chamado banditismo de profissão. Neste sentido, ser um cangaceiro significava estar na busca pelo poder, pela notoriedade e por bens materiais. Aponta-se que aqueles que optavam por este tipo de vida tinham apreço pelo poder<sup>13</sup>.

---

<sup>10</sup> O autor identifica o banditismo social como uma vertente do banditismo que deve ser interpretada como um mecanismo de articulação para o protesto social, alicerçado no meio rural, e não apenas na qualidade de tumultos cotidianos. Na liderança deste movimento está a figura do vingador, que procura lutar contra a injustiça dos governantes ou se vingar de algum acontecimento pessoal. HOBSBAWM, Eric. *Bandidos*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1976.p.85-86.

<sup>11</sup> FACÓ, Rui. *Cangaceiros e Fanáticos: gênese e lutas*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2009.p.48-56.

<sup>12</sup> CURRAN, Mark. *História do Brasil em Cordel*. São Paulo: EDUSP, 2003.p.62.

<sup>13</sup> Em seu livro *Guerreiros do Sol*, Frederico Pernambucano de Mello define o cangaço em mais duas categorias: o cangaço-vingança e o cangaço-refúgio. Para ele, o cangaço-vingança não ocorre com a frequência com que aparece na literatura de cordel. Ele é definido como o banditismo sertanejo ético no qual, os cangaceiros tinham apenas a missão de cumprir uma vingança e não tinham a preocupação em ganhar notoriedade ou ter relações de proximidade, por exemplo, com os coronéis. O cangaceiro é considerado um cavaleiro protetor. O cangaço-refúgio é



O cordel *Antônio Silvino, a justiça acima da lei*, considerado um folheto contemporâneo, faz referência ao modo de agir de Silvino e do seu amor pelo cangaço através da descrição dos dez mandamentos do cangaceiro:

- “1°. Ter ao cangaço  
sincero e fraterno amor;
- 2°. Seguir seu líder  
por toda parte que for;
- 3°. Ter o seu chefe  
como seu superior;
- 4°. Morrer pelo grupo;
- 5°. Não deixe fugir  
quem a qualquer mandamento  
não respeitar, não seguir;
- 6°. Não ter pena alguma  
Daquele que nos trair;
- 7°. Quem deixar as armas fuzilar sumariamente;
- 8°. Não maldizer-se;
- 9°. Conservar em mente  
que a cobiça deve ser  
pela riqueza somente;
- 10°. Mandamento e ultimo  
dos dez de Antônio Silvino  
castigava o transgressor  
a cumprir pior destino  
morrer sobre um formigueiro  
do sol escaldante ao pino”<sup>14</sup>.

Outro aspecto apontado para se rebater a imagem de Antônio Silvino como um justiceiro está centrado no fato do cangaceiro ter permanecido à frente de seu bando por 18 anos, até ser preso em 1922. O cangaceiro que possui a vingança como sentimento que norteia sua missão, ao completar a mesma, perde a motivação pela luta. “Quem quer se vingar mesmo parte para cima do inimigo e mata como Sinhô, ou morre, como Jesuíno, [...] Do outro o que se vê é uma espécie de cão que ladra e propositalmente não morde”<sup>15</sup>. A mesma percepção é descrita por Albuquerque ao questionar o sentimento de vingança como elemento norteador da conduta de Silvino como cangaceiro. De acordo com o autor, Antônio Silvino nunca tentou matar Desidério Ramos, considerado como um dos mandantes do assassinato de seu pai. Mesmo tendo a consciência de que Ramos costumava percorrer as mesmas localidades que o seu bando

---

considerado o de menor expressão. Nesta classificação, o cangaço seria um local de defesa e um meio de salvação. MELLO, Frederico Pernambucano de. *Guerreiros do Sol: violência e banditismo no Nordeste do Brasil*. São Paulo: Editora A Girafa, 2004.p.140-141.

<sup>14</sup> SILVA, Gonçalo Ferreira da. *Antônio Silvino: a justiça acima da lei*.2006.p.6.

<sup>15</sup> MELLO, Frederico Pernambucano de. *Guerreiros do Sol: violência e banditismo no Nordeste do Brasil*. São Paulo: Editora A Girafa, 2004.p.146.



costumava atacar. “E por que Né Batista (Antônio Silvino) tornou-se cangaceiro? Para vingar a morte do pai (dizia-se), morte, entretanto, que ele nunca mandou vingar”<sup>16</sup>.

Os cordéis sobre Antônio Silvino se assemelham, em alguns aspectos, à estrutura narrativa dramática proposta por Martin-Barbero que se desenvolve através das relações entre personagens: o “Traidor”, o “Justiceiro”, a “Vítima” e o “Bobo”. O primeiro se caracteriza como o vilão da história, capaz de seduzir a heroína e realizar atos de falsidade. No caso dos folhetos, quem desempenha este papel são os assassinos do pai do cangaceiro e o próprio governo que o persegue. A função de Justiceiro pertence ao herói da trama, o próprio Silvino, que possui a missão de vingar um crime sem punição. Em relação à caracterização da vítima, o próprio cangaceiro é identificado neste papel em razão dele ter perdido a pureza e inocência com o assassinato de seu pai. A figura do Bobo tem a função de trazer o elemento cômico para este tipo de narração, situação que se faz presente ao longo do jogo de palavras usado na linguagem da Literatura de Cordel<sup>17</sup>.

### **Lampião: o mito de um herói ou um bandido**

Nas análises dos cordéis sobre Virgulino Lampião é preciso salientar que estes folhetos são representações de uma realidade histórica que percorreram o sertão e que ganham novas imagens e elementos por onde passam.

O primeiro cordel analisado é “A chegada de Lampião no inferno” de José Pacheco. Este folheto traz a representação de um homem que se considerava o Rei do cangaço e que após a morte se recusa a receber o mesmo tratamento concedido a pessoas comuns. O trecho a seguir relata o momento da chegada de Lampião aos portais do inferno. Nota-se que o autor confere ao cangaceiro características de como a tirania e a hostilidade:

“Vamos tratar na chegada  
quando Lampião bateu  
Um moleque ainda moço  
no portão apareceu:  
-Quem é você cavalheiro?  
Moleque sou cangaceiro...  
Lampião lhe respondeu  
Moleque não, sou vigia  
e, não sou pariceiro  
e você aqui não entra

<sup>16</sup> ALBUQUERQUE, Ulysses Lins de. *Um sertanejo e o sertão: memórias*. 2.ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1976.p.141.

<sup>17</sup> MARTÍN-BARBERO, Jesús. *Dos meios as mediações: comunicação, cultura e hegemonia*. 2.ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2003.p.174-178.



sem dizer quem é primeiro  
- Muleque abra o portão  
saiba que sou Lampião  
assombro do mundo inteiro”<sup>18</sup>.

O folheto é escrito na forma de “gracejo”, um gênero que tem características humorísticas da literatura de cordel, com grande quantidade de expressões regionais e populares. A intenção é a aproximação consciente com a oralidade. Ou seja, quanto mais fiel aos dialetos dos grupos sociais que irão absorver esta literatura, mais “gracejo” o cordel se torna. No trecho o poeta usa o termo “pariceiro”, uma expressão comumente usada no Norte e Nordeste do país. É basicamente uma variante da palavra “parceiro”. No cordel, o vigia quer deixar claro que não é parceiro de Lampião para ser submetido a ser chamado de “muleque”. Na sequência, os trechos desenrolam como seria a recepção da notícia da chegada do cangaceiro ao inferno pelo próprio demônio. O cordelista cria um demônio que está preocupado com sua reputação e com sua propriedade. Na passagem, Lúcifer não admite a chegada de Lampião e o manda embora:

“Não senhor; Satanaz disse  
vá dizer que vá embora  
só me chega gente ruim  
eu ando muito caipora  
eu já estou com vontade  
de botar mais da metade  
dos que tenho aqui, p’ra fora  
Lampião é um bandido  
ladrão da honestidade  
só vem desmoralisar  
a minha propriedade  
e eu não vou procurar  
sarna pra me coçar  
sem haver necessidade”<sup>19</sup>.

Deve-se observar o fato de que neste cordel Lampião é representado como um bandido tão ruim que o próprio diabo teria medo de perder o seu lugar para um líder do cangaço.

Passado no mesmo ambiente da pós-vida de Lampião está o folheto “A chegada de Lampião ao céu”, de Rodolfo Coelho Cavalcanti. O cordel possui características que o une ao exemplar de José Pacheco. Algumas semelhanças podem ser notadas, a começar pelo estilo, que também é o do “gracejo”. A contradição dos títulos pode denotar uma interpretação contrária acerca dos conteúdos, mas se nota que nos dois folhetos a figura de Lampião continua com uma imagem temível.

<sup>18</sup> PACHECO, José. *A chegada de Lampião ao inferno*. s/d.p.2.

<sup>19</sup> PACHECO, José. *A chegada de Lampião no Inferno*. s/d.p.3-4.



Os dois cordelistas ambientam suas narrativas em locais imaginários: o céu e o inferno. Os dois são descritos de forma humanizada, como se nada tivesse mudado na passagem da vida para a morte. As rixas continuam, assim como os sentimentos de vingança e as atitudes violentas. O trecho a seguir do folheto “A chegada de Lampião ao céu” demonstra o momento em que Lampião chega ao céu e procura seu nome na lista das pessoas salvas e aptas a entrar no céu. O cangaceiro se indigna ao saber que seu nome não está na lista e exige de São Pedro uma explicação. Outro aspecto citado é o fato de Lampião ter pedido a presença de Padre Cícero, figura considerada santa pelos nordestinos. Neste sentido, ao pedir a presença do “padrinho” ele conseguiria uma indicação para entrar no céu:

“São Pedro criou coragem  
E falou pra Lampeão  
Tenha calma cavalheiro  
Seu nome não está aqui não  
Lampião disse: é impossível  
É uma coisa que acho incrível  
Ter perdido a salvação  
São Pedro disse está bem  
Acho melhor dar um fora  
Lampeão disse: meu santo  
Só saio daqui agora  
Quando ver o meu padrinho  
Padre Cícero meu filhinho  
Esteve aqui mas foi embora”<sup>20</sup>.

No cordel de José Pacheco, o cangaceiro busca fazer um acordo com Lúcifer para acertar sua entrada no inferno enquanto que no folheto de Rodolfo Cavalcanti, Lampião pede a diversos santos que intercedam por ele. Diz-se arrependido e merecedor da salvação. O inferno de José Pacheco, assim como o céu de Rodolfo Cavalcanti, perde suas características sobrenaturais o que possibilita a Lampião continuar a praticar atos de crueldade. Além disso, o inferno é representado como uma repartição, na qual o demônio é o chefe de gabinete. No cordel “A chegada de Lampião no inferno” é citada a existência de uma espécie de gabinete chefiado por Jesus:

“O vigia disse assim  
- Fique fora que eu entro  
Vou conversar com o chefe  
No gabinete do centro  
Por certo ele não lhe quer  
Mas, conforme o que eu disser

<sup>20</sup> CAVALCANTI, Rodolfo Coelho. *A chegada de Lampião ao céu*. 1959. p.4.

<sup>20</sup> PACHECO, José. *A chegada de Lampião no inferno*. s/d.p.3.



Eu levo o senhor pra dentro  
Chegando no gabinete  
Lampião foi escoltado  
Do glorioso Jesus  
Disse o Varão da Cruz  
Quem és tu filho perdido  
Não estás arrependido  
Mesmo no Reino da Luz?  
Senhor não fui culpado  
Me tornei um cangaceiro  
Porque me vi obrigado  
Assassinaram meu pai  
Minha mãe quase que vai  
Inclusive eu coitado”<sup>21</sup>.

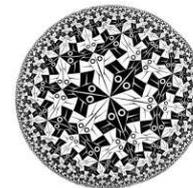
O folheto traz uma representação construída pelo imaginário popular acerca de Lampião como sempre foi desde o início. Na segunda estrofe do cordel, acima apresentada, a questão da vingança do assassinato de seu pai é usada como atenuante dos crimes cometidos pelo cangaceiro. Embora em alguns versos Lampião seja descrito como um bandido, a sua imagem heróica por vezes é confusa. O leitor é convidado a refletir sobre qual seria o melhor destino para o cangaceiro: o inferno, céu ou até o próprio sertão. Neste sentido, também se pode cogitar a possibilidade do sertão ser considerado como uma espécie de limbo:

“Leitores vou terminar  
Tratando de Lampião  
Muito embora eu não possa  
Vou dar a explicação  
No inferno não ficou  
No céu também não chegou  
Por certo está no sertão  
Quem duvidar dessa história  
Pensar que não foi assim  
querer zombar do meu sério  
Não acreditando em mim  
vá comprar papel moderno  
escreva para o inferno  
mande saber de Caim. Fim”<sup>22</sup>.

O cordel “Lampião, O Capitão do Cangaço” possui a preocupação em narrar a vida de Virgulino Lampião desde o encontro de José Ferreira e Maria Vieira da Soledade, que viriam a ser os pais do cangaceiro. O folheto constrói a imagem de um cangaceiro tomado por um

<sup>21</sup> PACHECO, José. A chegada de Lampião no inferno. s/d.p.3.

<sup>22</sup> PACHECO, José. *A chegada de Lampião ao inferno*. s/d.p.8.



sentimento de vingança incontrolável em razão da morte de seu pai<sup>23</sup>. Ao longo dos versos, o jovem Virgulino Ferreira da Silva se torna um homem a ser temido por uns, mas considerado um justiceiro por outros<sup>24</sup>. A ambigüidade da representação do cangaceiro é o ponto principal deste cordel:

“Naquele sombrio dia  
de tanta desolação,  
de tanta revolta e ódio  
nascia para o sertão  
o nosso famigerado,  
destemido Lampião.  
Juntou-se ao grupo voraz  
de Sebastião Pereira  
seu mais feroz precursor  
e assim os irmãos Ferreira  
formaram a endiabrada  
e mais cruel cabroeira”<sup>25</sup>.

Maximiliano Campos indica a vingança como a razão para a violência praticada pelos cangaceiros. Em seu romance “Sem lei, nem Rei”, ele apresenta uma visão do cangaço como um instrumento para a prática de ações vingativas. “Sabia que o seu existir seria assim, e que iria também fazer correr o sangue dos seus inimigos. Tinha que se vingar. Era a maneira de atenuar o seu sofrer rude, assim aprendera desde cedo”<sup>26</sup>. Assim como no caso de Antônio Silvino, Mello aponta que a vingança não se constitui em um motivo genuíno para Lampião ingressar no cangaço<sup>27</sup>. Exemplifica-se com o folheto “Lampião, O Capitão do Cangaço”, de Gonçalo Ferreira da Silva:

“O capitão vaidoso  
De quando em quando pedia  
Jornal que falasse dele

---

<sup>23</sup> SILVA, Gonçalo Ferreira da. *Lampião, o Capitão do Cangaço*. Rio de Janeiro: Ralp. s/d.33p. Captado em:<<http://docvirt.com/docreader.net/docreader.aspx?bib=CordelFCRB&pasta=Gonçalo%20Ferreira%20da%20Silva&pesq=>> Acesso em:9/04/2011.

<sup>24</sup> Eric Hobsbawm aborda, em seu livro *Bandidos*, uma das versões sobre a entrada de Lampião no cangaço. Ele relata que Virgulino Ferreira da Silva era um menino do interior de Pernambuco que tinha o sonho de ser vaqueiro. Considerado um hábil repentista, não queria seguir a vontade de seu tio Manoel Lopes e cursar a faculdade de Medicina. Ele vivia em uma fazenda com sua família e a mesma foi expulsa por membros da família Nogueira; situação que resultou na morte de seu pai. Em razão deste acontecimento, Virgulino formou, junto com seus irmãos, um bando com mais de 37 combatentes cujo objetivo era o de se vingar daqueles que destruíram sua família. HOBBSAWM. Eric. *Bandidos*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1976. p.56.

<sup>25</sup> SILVA, Gonçalo Ferreira da. *Lampião, o Capitão do Cangaço*. Rio de Janeiro: Ralp. s/d.p.15. Captado em:<<http://docvirt.com/docreader.net/docreader.aspx?bib=CordelFCRB&pasta=Gonçalo%20Ferreira%20da%20Silva&pesq=>> Acesso em: 9/04/2011.

<sup>26</sup> CAMPOS, Maximiliano. *Sem lei nem Rei*. São Paulo: Melhoramentos, 1988.p.49.

<sup>27</sup> MELLO, Frederico Pernambucano de. *Guerreiros do Sol: violência e banditismo no Nordeste do Brasil*. São Paulo: Editora A Girafa, 2004.p.88.



Por todo lugar que ia  
Sobretudo os que tivessem  
A sua fotografia”<sup>28</sup>.

Neste trecho é relatado um forte traço da figura de Lampião: a vaidade. A vontade de tornar-se notícia era uma característica deste cangaceiro. Observa-se com isso, que o próprio Lampião contribuiu em grande parte na construção de suas representações. Essa relação pode ser entendida como uma tentativa de destaque entre tantos outros líderes do cangaço, vontade de aparecer que muitas vezes repercutia na circulação de visões antagônicas do cangaceiro junto aos meios de comunicação.

“Lampião foi o primeiro cangaceiro [...] a cuidar de sua personagem; utilizou métodos de comunicação – principalmente a imprensa e a fotografia, que não faziam parte de sua cultura – para impor a imagem que queria dar de si mesmo. [...] Essa elaboração de imagens pela imprensa, pela fotografia e pelo cinema repercutiu nos diferentes protagonistas da luta contra o cangaço que (...) devolveram regularmente contra imagens a Lampião”<sup>29</sup>.

Por mais que suas pretensões aparentemente não fossem estas, para parte da sociedade sertaneja que convivia com a miséria e a submissão aos coronéis o cangaceiro era considerado um legítimo representante da luta de sua gente por uma vida mais justa<sup>30</sup>. Ao mesmo tempo, o cangaceiro era identificado como um ladrão que deveria ser preso ou morto pelas autoridades. Nos cordéis, a violência, o desafio ao poder dos coronéis e a cobrança de tributos de ricos eram razões pelas quais Lampião poderia ser considerado um simples bandido, como é demonstrado nos seguintes versos de cordel “Decretos de Lampião” de Francisco das Chagas Batista:

“Diz o primeiro decreto  
No seu artigo primeiro:  
- Todo e qualquer sertanejo,  
Negociante ou fazendeiro,  
Agricultor ou matuto,  
Tem que pagar o tributo  
Que deve ao cangaceiro.  
No parágrafo primeiro  
Desse artigo ele restringe  
A lei somente aos ricos  
Dizendo: - a lei não atinge  
Ao pobre aventureiro  
Pois quem não possui dinheiro  
Diz que não tem e não finge.

<sup>28</sup> SILVA, Gonçalo Ferreira da. *Lampião, o Capitão do Cangaço*. Rio de Janeiro: Ralp. s/d.p.23. Captado em: <<http://docvirt.com/docreader.net/docreader.aspx?bib=CordelFCRB&pasta=Gonçalo%20Ferreira%20da%20Silva&pesq=>> Acesso em: 9/04/2011.

<sup>29</sup> GRUNSPAN-JASMIN, Élise. *Lampião, senhor do sertão: vidas e mortes de um cangaceiro*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.p.28.

<sup>30</sup> FACÓ, Rui. *Cangaceiros e Fanáticos: gênese e lutas*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2009.p.48-56



O Decreto número dois  
Fixa trinta cangaceiros  
O grupo de Lampeão  
Diz nos artigos primeiros:  
- Preciso de trinta cabras  
Trinta figuras macabras;  
Trinta lobos carniceiros...  
Só cabras que tenham  
Menos de vinte e seis annos;  
Que conheçam palmo a palmo  
Os sertões pernambucanos  
Que possuam pernas boas  
Conheçam bem Alagôas  
E os sertões parahybanos<sup>31</sup>.

Nos cordéis selecionados, Lampião era bandido para alguns e herói para outros. A condenação do cangaceiro não era o objetivo central dos cordéis, mas possibilitar que a sua representação pudesse ser questionada pelo próprio povo<sup>32</sup>.

### **3 - Antônio Silvino versus Lampião**

Os folhetos aqui descritos sobre Lampião e Antônio Silvino apresentam similaridades ao apontarem o sentimento de vingança como elemento norteador da iniciação de ambos no universo do cangaço. Embora a motivação seja descrita como a mesma, a conduta de Lampião é questionada enquanto que o mesmo não ocorre em relação a Silvino.

Os exemplares referentes à Lampião são escritos na terceira pessoa, estabelecendo-se uma distância entre autor e personagem. “É significativo que as narrativas sobre Lampião sejam descritas na terceira pessoa; tal artifício, em oposição à atitude confessional aplicada a Antônio Silvino, confere um outro caráter à representação do cangaço<sup>33</sup>. Neste sentido, tal formatação pode demonstrar as possíveis dificuldades dos cordelistas em estabelecer um juízo de valor linear acerca do cangaceiro Lampião. O fato de os cordéis sobre Antônio Silvino, principalmente os antigos, estarem escritos na primeira pessoa demonstra proximidade ou concordância com suas ações.

Nos folhetos de cordel pesquisados se percebe que os atos de violência praticados por Lampião eram condenados enquanto que as mortes praticadas por Silvino eram justificadas como

---

<sup>31</sup> BATISTA, Francisco das Chagas. *Os decretos de Lampião*. 1925. p.1-2.

<sup>32</sup> QUINTELA, Vilma Mota. Cordel Mídias e Mediações Culturais. In: COMISSÃO BAIANA DE FOLCLORE, 2009, p.5. Disponível em: <http://www.comissaobaianadefolclore.org.br/wpcontent/uploads/artigos/artigo2.pdf>. Captado em: 18 abr.2011.

<sup>33</sup> TERRA, Rute Brito Lemos. *Memórias de lutas: literatura de folhetos do Nordeste (1893-1930)*. São Paulo: Global, 1983.p.107.



conseqüência da perseguição das forças policiais. Por tal razão, seus crimes tinham que ser perdoados. Esta perspectiva pode estar relacionada ao fato do primeiro ter sido morto quando ainda era o líder de um bando de cangaceiros; enquanto que o segundo foi preso, cumpriu parte de sua pena e acabou por receber um indulto do governo de Getúlio Vargas em 1937.<sup>34</sup>

Essa visão acerca dos dois cangaceiros pode ser demonstrada em trechos do cordel “A briga de Antônio Silvino e Lampião no inferno”, de José Costa Leite. O folheto relata a luta de Antônio Silvino contra o domínio de Lampião que, após chegar ao inferno, torna-se o seu prefeito:

“Todo mundo estava ciente  
que o famoso Lampião  
no Nordeste em tôda parte  
matava qualquer vivente sem ter dó nem compaixão  
Antonio Silvino era  
um sujeito justiceiro  
pelo lado da justiça  
tornou-se o maior guerreiro  
o seu nome é conhecido  
no Nordeste brasileiro  
[...]  
Lampião ficou por chefe tendo consideração  
os diabos se reuniram  
e fizeram uma eleição  
o prefeito no inferno  
Hoje em dia é Lampião  
[...]  
Quando Silvino chegou  
Lampião todo valente  
para o lado de Silvino  
falou e rangeu o “dente”  
Dizendo suma-se da minha frente”<sup>35</sup>.

No decorrer dos versos são narradas as lutas travadas entre Antônio Silvino e Lampião, vencidas pelo primeiro. No entanto, para evitar a derrota de Lampião, o Diabo prende Silvino. Neste momento ocorre a redenção de Antônio Silvino, destino que não foi reservado a Lampião:

“Porém no mesmo momento  
chegou o anjo da guarda  
e o anjo São Miguel  
cada qual com uma espada  
Vieram tirar Silvino daquela enrascada

<sup>34</sup> Virgulino Ferreira da Silva, o Lampião foi assassinado em 1938 durante uma emboscada na fazenda de Angicos localizada no sertão de Pernambuco. Antonio Silvino foi preso em 1914 e condenado a 30 anos de prisão a serem cumpridos na Penitenciária de Recife.

<sup>35</sup> LEITE, José Costa. *A briga de Antonio Silvino com Lampião no inferno*. 1972.p.1-3. Captado em: <<http://www.docvirt.com/WI/hotpages/hotpage.aspx?bib=Cordel&pagfis=37924&pesq=&url=http://docvirt.com/docreader.net>>. Acesso em: 20/03/2012.



os diabos tiveram medo  
quando os anjos ali chegaram  
soltaram Antonio Silvino  
e arrepiados ficaram  
os anjos pegaram na mão  
de Antonio Silvino e o levaram  
Entregaram êle a S. Pedro  
e S. Pedro aproximou-se  
deu um abraço em Silvino  
e dêle penalizou-se  
Mandou ele entrar e dizem  
Que ele agora salvou-se. FIM<sup>36</sup>.

A perspectiva da diferenciação entre os cangaceiros Antônio Silvino e Lampião foi abordada por Luitgarde Barros. Para a autora, os cordéis sobre Virgulino Ferreira da Silva retratam suas tentativas de chegar ao céu, no entanto ele sempre é impedido por São Pedro. Nesse sentido, seus atos hediondos não poderiam ser perdoados. Em uma perspectiva oposta, o cangaceiro Silvino é percebido como alguém que respeita códigos sertanejos como, por exemplo, não realizar ações violentas contra as mulheres, o que não se aplicava aos membros do bando de Lampião<sup>37</sup>.

#### 4 - Considerações

A construção dos versos torna o cordel uma literatura viva: “Da comoção de sentimentos à ação bem-humorada e a sátira, registra-se, no folheto, a expressão mais genuína dos valores, dos mitos e das preferências populares”<sup>38</sup>. Este artigo está inserido no campo dos estudos cujo propósito é o de compreender o modo como os cangaceiros Antônio Silvino e Lampião foram representados em exemplares de cordel. Na análise dos folhetos selecionados foi observado que as representações dos dois líderes do cangaço são construídas a partir de temas em comum como o assassinato não solucionado de seus pais, o desejo de vingança e a violência praticada pelos membros de seu bando. A percepção da figura do cangaceiro como um herói estaria vinculada a visão do sertanejo sofrido com o descaso do Estado, enquanto para aqueles que o repudiavam, ele era apenas um bandido violento que buscava o próprio benefício<sup>39</sup>. Os

<sup>36</sup> LEITE, José Costa. *A briga de Antonio Silvino com Lampião no inferno*. 1972.p.8. Captado em: < <http://www.docvirt.com/WI/hotpages/hotpage.aspx?bib=Cordel&pagfis=37924&pesq=&url=http://docvirt.com/docreader.net> >. Acesso em: 20/03/2012.

<sup>37</sup> BARROS, Luitgarde Oliveira Cavalcanti. *A Derradeira Gesta: Lampião e os Nazarenos guerreando no sertão*. 2.ed. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007.p.55.

<sup>38</sup> SANTOS, Olga de Jesus. O povo conta a história. In: FUNDAÇÃO CASA DE RUI BARBOSA. *O Cordel: Testemunha da História do Brasil*. Rio de Janeiro: Ébano Editora, 1987.p.5.

<sup>39</sup> TERRA, Rute Brito Lemos. *Memórias de lutas: literatura de folhetos do Nordeste (1893-1930)*. São Paulo: Global, 1983.p.107.



cordelistas narram os acontecimentos em razão da parcialidade frente às ações de Antônio Silvino e Lampião e das representações em circulação sobre os dois cangaceiros.

Recebido em: 15/05/2012.  
Aprovado em: 09/08/2012.